

## 2º Colóquio de Imigração Marroquina

Alcinda Cabral

CEAA | UFP

Investigadora Responsável pelo Projecto

Nos dias 30 e 31 de Outubro de 2003 realizou-se na Universidade Fernando Pessoa o 2º Colóquio de Imigração Marroquina, com o qual finalizou o Projecto POCTI/34693/ANT/2000: "*Imigrantes marroquinos na venda ambulante: um estudo sobre negociação de identidades*", aprovado pela FCT e pelo POCTI e participado pelo fundo comunitário europeu FEDER.

A este Projecto estiveram associados investigadores da Universidade Fernando Pessoa, de Alicante e de Almeria (Espanha)<sup>1</sup>.

O trabalho de campo decorreu na aldeia de Aver-o-Mar, concelho da Póvoa de Varzim.

Os objectivos inicialmente previstos visavam aferir os graus e as estratégias de aculturação postos em prática por esta população em ordem a uma "negociação de identidades" que lhes facilitasse a sua permanência em Portugal. Os resultados da investigação são ainda incipientes, mas tiveram o mérito de abrir caminho a uma colaboração e a uma convivência que permitirão seguir estes sujeitos e aprofundar o conhecimento nos próximos tempos. Parece-nos entretanto poder avançar que este grupo começa a apresentar novas marcas culturais devidas ao contacto com a população autóctone, mas persiste uma forte dominância da sociabilidade interna, que lhes é ainda necessária para manter o grupo coeso, permanecendo uma comunidade diferencial em relação à cultura de chegada. É afirmada uma vontade explícita de coabitação pacífica, nalguns casos até amigável, entre eles e os portugueses, embora seja incessantemente referida a grande assimetria entre as duas culturas co-presentes. Assim, a sua auto-identidade

---

<sup>1</sup> Alcinda Cabral, Álvaro Campelo, Ana Sacau, Cláudia Ramos, Judite Freitas, Pedro Cunha, Rui Maia, Teresa Toldy, M. Dolores Vargas e Francisco Checa.

afirma-se no sentido de um pluralismo que contrasta em muitos depoimentos com a hetero-imagem da cultura ocidental, que se encontra cristalizada nos seus discursos. Este défice de avaliação e de generalização em relação à sociedade portuguesa não beneficia por certo uma percepção intercultural positiva nas suas relações exo-grupais. Do mesmo modo, o colectivo no seio do qual estão inseridos devolve-nos uma imagem em que os marroquinos são apercebidos como um grupo que acusa um défice cultural, em vez de uma diferença cultural. Parece haver entre as duas sociedades uma vontade de aproximação, mas existem muitos receios que entroncam numa explicação simplista de ambos os lados: *“há uma grande diferença cultural, sobretudo a religião”*. Esta é sem dúvida o elemento identificador do grupo, embora em muitos casos ela constitua mais uma identidade de fachada do que uma convicção tão arreigada quanto se quer mostrar. O vincar de toda esta diferencialidade permite manter uma identidade defensiva que os protege do “perigo” de interferências culturais ocidentais. Este temor entronca em experiências remotas, de colonização e de protectorado, e próximas, de imigrações noutros países da Europa. Todavia, ao pretendermos averiguar do impacto da sua deslocalização para Portugal, pudemos constatar uma forte adesão à convivência com a sociedade portuguesa em geral, sobretudo quando comparada com anteriores experiências imigratórias vividas pelos próprios ou por familiares seus.

Os indicadores de uma aculturação deste colectivo são débeis (poucos frequentam aulas gratuitas de língua portuguesa; não interessa muito a alguns legalizarem-se cá, preferindo continuar com documentos de Espanha e fazendo uma vida bipolar entre os dois países), entretanto, quando questionados sobre os seus projectos de futuro, nenhum se mostra decidido a voltar brevemente para Marrocos, pelo contrário, a maior preocupação que declaram é a de conseguirem efectuar o reagrupamento familiar.

Este estudo merece ser continuado, pelas múltiplas implicações que a questão imigratória em Portugal coloca, e, especificamente, pelas interrogações que as duas sociedades aqui presentes se colocam uma a respeito da outra, particularmente numa época em que o mundo está maniqueísta e etnocentricamente dividido pelos espíritos básicos de alguns entre duas religiões associadas a duas culturas, sem respeito,

nem espaço, nem incentivo a tipos positivos e singulares de convivências interculturais.

O intento de aprofundar este conhecimento é partilhado pelos investigadores que levaram a cabo este estudo, aos quais se associaram académicos da Universidade de Agadir (Marrocos), esperando levar a bom porto um trabalho continuado sobre a população marroquina imigrada em Portugal, que conta já com a publicação de um livro e de outro que está no prelo.

Alcinda Cabral | Investigadora Responsável pelo Projecto